



GT 017. Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Barbosa, Osório Sarandy (UFF) -
Coordenador/a, Flávio Leonel Abreu da Silveira
(UFPA) - Coordenador/a

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal real?; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tráfico, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislativas, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

Humano e algumas espécies da fauna no conhecimento ambiental empírico do povo Xerente

Autoria: Valcir Sumekwa Xerente, Dr. Odair Giraldiv

RESUMO Os Akwẽ (Xerente), pertencem ao troço Macro-Jê, família linguística Jê Centrale tem semelhança com as línguas Xavante e Xacriabá. Durante o contato com os europeus, parte dos Akwẽ tiveram a experiência de viver no aldeamento de São José do Duro (atual Dianópolis-TO). Parte dos Xavante passaram pela experiência de viver no aldeamento do Carretão (atual Rubiataba-GO), mas eles se deslocaram para estado do Mato Grosso, fugindo do contato. Já os Xacriabá se deslocaram para Minas Gerais. Os Akwẽ continuam entre os rios Tocantins e Sono, no Estado do Tocantins. A sociedade Akwẽ ainda depende muito das disponibilidades da fauna e do conhecimento ambiental a partir da sua cosmologia. Segundo os anciões das aldeias, antigamente havia a caçada e pescaria individual ou em grupo para utilizar como alimento dos dias cotidianos. Os caçadores e pescadores eram orientados pelos anciões e pajés para evitar interferências danosas nas interações das espécies da fauna. Eles também falam que a caçada e pescaria coletivas eram realizadas quando necessário para mantimentos durante atividade cultural como ritual de nomeações masculino, feminino ou para as nomeações realizadas para exercer algumas função importante na sociedade. Mas para esta atividade é preciso ter grande extensão do território, por isso, nos dias atuais as atividades culturais não são realizadas completamente como era antigamente antes da demarcação da terra Xerente. Os Akwẽ estão muito ligados à cosmologia e precisamos recorrer a ela para entender melhor e interpretar as interações das espécies da fauna e meio ambiente. No conhecimento ambiental Akwẽ, o surgimento das espécies da fauna e também como se interagem no meio ambiente, está ligada em algumas seres invisíveis e que são explicadas na cosmologia. Existem espíritos que governam seres vivos no ambiente das florestas e cerrados, aos quais os Xerente denominam como kãtdêkwa (espíritos que governam seres vivos do ambiente aquático), mrã tdêkwa (espíritos que governam seres vivos do ambiente da floresta e cerrado). Segundo anciões Xerente quando a área de nascente de água é degradada pela ação de um indivíduo humano, a sucuri (kãtdêkwa) abandona seu habitat, resultando no secamento de água da nascente. Para os Akwẽ, quando formações florestais, matas ciliares e de galerias são removidas pelas máquinas ou para uso como



pecuária, algumas romhêibakõ (coisa que não possui corpo visível, que podem ser chamados de kâtdêkwa e mrã tdêkwa) vão embora furiosos levando consigo espécies da fauna para longe dos seu habitat.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**